

“Eu não canto rap para branquelo de classe média”: uma análise sobre disputas de legitimidades performadas por rappers no circuito alternativo do Crato¹

Jakeline Pereira Alves²

Dr. Vanderlan Francisco da Silva³

RESUMO

A presente comunicação objetiva analisar o processo de imersão de rappers nos espaços públicos que configuram o circuito “alternativo” do Crato, cidade situada na região metropolitana do Cariri, no sul do Ceará. Por meio da realização de entrevistas com os interlocutores desta pesquisa e observação participante durante os eventos denominados “Batalha da Estação” e “Batalha do Cristo”, organizado e agenciados por rappers da referida região, foi possível constatar conflitos e tensões entre sujeitos que disputam por legitimidades na difusão de uma nova estética no circuito alternativo local, inaugurando novas práticas de lazer e sociabilidades, construídas em torno do rap, ao mesmo tempo em que buscam visibilidades a partir de usos e apropriações dos espaços públicos no centro da cidade. A intersecção de gênero, classe, raça/etnia e geração são elementos que integram a análise dessa proposta, uma vez que elementos como “Centro”, “Periferia”, Masculinidades, Feminilidades, “Negros”, “Branços”, aparecem com recorrência nos discursos dos sujeitos durante as batalhas de rimas. Essa estética vem sendo predominantemente construída por sujeitos oriundos das periferias das cidades de Crato e Juazeiro do Norte, os quais se deslocam dos seus bairros de origem para afirmar suas identidades por meio de performances que se constituem como estratégias de superação de invisibilidades, através da luta pelo reconhecimento de suas existências e em resposta aos estigmas sociais. É por meio de discursos e práticas sonoras elaboradas em torno do rap que sujeitos agenciam conflitos e difundem suas diferenças na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Conflitos; Legitimidades; Diferenças;

INTRODUÇÃO

No final de 2015 e início de 2016 constatamos a imersão de rappers no circuito “alternativo” de Crato, sujeitos predominantemente oriundos dos bairros periféricos do referido município e de Juazeiro do Norte, ambas as cidades situadas na região metropolitana do Cariri, no sul do Ceará, estado do Nordeste brasileiro. Eles começaram

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/UFCG). Membro do Grupo de Estudos em Sociabilidades e Conflitos Contemporâneos - SOCIATOS (CNPq/UFCG) E-mail: Jakeline_c.s@hotmail.com.

³ Docente do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/UFCG). Coordenador do Grupo de Pesquisa SOCIATOS (Sociabilidades e Conflitos Contemporâneos - CNPq/UFCG). E-mail: vanderlansilva@uol.com.br.

a se deslocar dos seus bairros de origem⁴ não somente para difundir o rap nas disputas de rimas improvisadas, mas, sobretudo na busca de legitimar visibilidades nos espaços públicos do centro urbano em oposição aos demais grupos, coletivos políticos, movimentos sociais, roqueiros, regueiros, compostos majoritariamente por estudantes universitários⁵ e/ou sujeitos oriundos de bairros situados em locais centralizados da cidade.

Os rappers se inserem nos espaços urbanos afirmando-se como “periféricos” frente aos sujeitos que se identificam como “alternativos”, ambas as classificações abstraídas em campo, afirmadas através da comunicação verbal ou na manifestação de comportamentos, costumes, gostos, sons que caracterizam as práticas de sociabilidades dos diferentes grupos que disputam os respectivos espaços analisados. Os elementos de identificações culturalmente construídos e regulados por códigos morais, na composição de referências sociais que vem sendo difundidas por diferentes gerações ao longo das últimas décadas, em um processo histórico de cristalização ou ressignificação de práticas de lazer como também dos espaços da cidade. O uso de bolsas confeccionadas em tecido, pulseiras em linhas de crochê, por exemplo, evidenciam a influência da estética hippie que emergiu na região nas décadas de 70 e 80, correspondendo a um movimento cultural que se expandia nas principais capitais do país⁶.

Na região do Cariri, portanto, é possível constar com facilidade um roqueiro trajado com indumentárias na cor preta, usando sandálias de couro, circulando pelas batalhas de rimas disputadas entre rappers. Aqueles que se identificam como “alternativos”⁷, apropriaram-se de diferentes influências culturais locais e globais,

⁴ Bairro Muriti, mais conhecido por “Morro do Piolho”, Batateiras, João Cabral, entre outros que estão situados nos municípios de Crato e Juazeiro do Norte, referenciados a partir de referências sociais que os relacionam exclusivamente a violência, a criminalidade, isto é, a um “perigo” ou suposta “ameaça” a ordem social através de estigmas que foram historicamente cristalizados no imaginário social da região.

⁵ Informações coletadas desde o ano de 2016, durante realização de observação participante durante incursões nas batalhas de rimas, nas quais foram estabelecidas aproximações e conversas informais com os interlocutores desta pesquisa e que possibilitaram a construção da proposta de um trabalho de dissertação que se encontra em processo de elaboração.

⁶ Consultar os trabalhos etnográficos do antropólogo Roberto Marques, que reflete sobre sonoridades construídas na região do Cariri desde as primeiras expressões do Movimento Hippie na cidade de Crato, identificadas nas décadas de 70 e 80, quando artistas e intelectuais locais passaram a aderir indumentárias, gostos musicais, concepções de arte, produção de costumes entre outros elementos estéticos que faziam oposição aos gostos e costumes da sociedade tradicional cratense da época (MARQUES, 2014: 42).

⁷ Categoria analisada neste trabalho a partir de abstrações da realidade, construídas com referência no método típico ideal weberiano.

caracterizados por um processo de hibridização⁸ visivelmente perceptível nas indumentárias na cor preta ou com aparência levemente desgastada pelo tempo, usada por aqueles que almejam alcançar um estilo próprio para afirmar-se como descolado, assessórios em crochê, couro ou em prata, calçados em couro, sandálias havaianas, botas coturno ou all-star, cabelos com dreads, entre outros elementos apropriados e ressignificados por roqueiros, regueiros, artesões, intelectuais acadêmicos que disputam entre si e com os outros interlocutores desta pesquisa, pela territorialização dos espaços.

Compreendemos, portanto, que esses elementos configuram-se como características peculiares a esse campo, os quais resultaram de um processo histórico que assegura aos “alternativos” o status de estabelecidos. Eles são habitualmente relacionados a alguns espaços públicos situados no centro urbano da cidade de Crato. Por outro lado, não poderíamos deixar de mencionar que o respectivo status social costuma vir acompanhado de estigmas sociais reproduzidos e legitimados pelas massas que não se identificam com os estilos de vida adotados por esses sujeitos. Os frequentados da RFFSA, por exemplo, são estigmatizados por uma parcela da sociedade que generaliza todos como unidade homogênea, anulando as diferenças sociais existentes entre os consumidores deste local, associando-os as causas dos problemas de violência, delinquência, tráfico e criminalidade, do mesmo modo como fazem em relação aos espaços públicos apropriados por eles. Nessa perspectiva, mesmo a RFFSA estando geograficamente localizado no centro urbano da cidade, paradoxalmente, encontra-se socialmente situado à margem da sociedade.

Nesse contexto, quando os rappers se deslocam do seu bairro de origem para ocupar os centros urbanos da cidade como estratégia adotada para superação das invisibilidades, os mesmos continuam a mercê da violência simbólica sob a perspectiva da exclusão mesmo acreditando que estão reagindo veementemente em seu combate. Os rappers elaboram uma estética cultural própria, aderindo elementos peculiares à região e ao campo no qual desenvolvem práticas de lazer e sociabilidades. A imersão deles

⁸ Conceito elaborado pela antropologia para descrever o processo que agrega diferenças culturais difundidas a partir da troca entre mundos ou universos culturais diferentes, ou conforme as palavras do próprio autor, utilizados para fazer referência “à mistura, colagem, montagem, bricolagem, miscigenação, sincretismo, transculturação, bricolagem” entre outros termos elaborados pela teoria antropológica para refletir sobre “domínios de materiais culturais bastante tangíveis, tais como a linguagem, a música, a arte, o ritual ou a culinária” que resultam do intercâmbio que interliga diferentes tradições culturais no mundo globalizado (HANNERZ, 2011: 30).

nestes espaços intensificou as disputas territoriais e simbólicas no tocante as formas de usos e apropriações das praças da cidade do Crato.

As batalhas de rimas é um fenômeno que potencializa o deslocamento de sujeitos dos seus bairros de origem como uma forma de resistência que visa superar os estigmas sociais, na construção de uma estética cultural instituída por meio da produção de sonoridades, cheiros, emoções, interações através das quais eles se afirmam enquanto sujeitos “periféricos” e/ou “representantes na cultura de rua” ativos e capazes de modificar a sua própria realidade. Eles se afirmam em oposição aos “alternativos”, predominantemente compostos por intelectuais acadêmicos⁹, que em atos políticos de manifestações públicas costumam mencionar o extermínio e encarceramento em massa desse segmento da sociedade. Enquanto os “alternativos” politizam aquilo que se anuncia como periferia, mas a partir de uma realidade exterior a eles, os rappers politizam aquilo que se anuncia como periferia, dentro e fora de suas comunidades e a partir de suas próprias experiências de vida.

Esse processo de politização efetiva-se no empoderamento social que resulta da consciência de classe dos sujeitos políticos que compreendem a lógica do sistema capitalista. Quando falamos em sociedade, não podemos perder de vista que nossos corpos, as múltiplas linguagens que utilizamos para nos comunicarmos uns com os outros (verbal, poética, corporal), materializa-se nas performances que construímos, isto é, por meio das representações que elaboramos para afirmar as nossas existências em sociedade.

Partindo dessa perspectiva, adotamos uma abordagem teórica para construção deste trabalho que consiste em uma análise do estudo das variações das performances, imprescindível para compreensão das mudanças e transformações sociais, com ênfase em comportamentos fundamentados na ação, na comunicação, na linguagem poética e expressão corporal (KOROM, 2013) por meio das quais os indivíduos elaboram subjetividades e coletividades, no processo de construção e significação de suas vidas, ao mesmo tempo em que engendram processos sociais na composição do que concebemos como sociedade.

⁹ Grupo de valorização negra do Cariri (GRUNEC), Piquenique feminista, Pretas Simôas, Coletivo Camaradas, Frente de Mulheres do Cariri entre outros que subjetivam suas lutas em esforços dedicados a conscientização política da população caririense.

Nesse artigo, analisamos alguns elementos que caracterizam o contexto das dinâmicas de sociabilidades construídas a partir de disputas de territorialidades conflitantes, em meio a um cenário permeado por concordâncias e discordâncias, acordos e desacordos, peculiares a alguns espaços públicos da cidade de Crato. Os rappers passaram a construir batalhas de rimas instituídas em oposição aos “alternativos”, em um processo de difusão e trocas de influências múltiplas, na composição de referências sociais por meio das quais os indivíduos disputam para inscrever e legitimar as suas diferenças na cidade.

A primeira aproximação com o fenômeno das batalhas de rimas deu-se através de interlocução intermediada por uma mulher negra e militante de uma vertente dos movimentos sociais que costuma lutar pela valorização da mulher negra na região, sendo a mesma oriunda de um dos bairros periféricos da cidade de Crato e vizinha de alguns dos rappers integrantes das batalhas de rimas. Ela me apresentou a esse fenômeno assim como me levou a primeira batalha de rima que aconteceu no final de 2015 em Crato, na Praça RFFSA, denominada Batalha da Estação. Durante as performances elaboradas quando iniciaram as disputas entre os rappers que improvisavam suas rimas seguidas de movimentos corporais, em um combate acirrado entre opositores, onde ambas as partes vulgarizavam as mulheres quando proferiram as afirmações “você rima parecendo uma mulherzinha” ou “parece uma mulher”, estrategicamente utilizada por ambos os sujeitos que almejavam envergonhar o outro perante a plateia com a finalidade de vencer a batalha. Enquanto isso, a interlocutora que havia me levado para conhecer o fenômeno, reagia diferente dos demais sujeitos que estavam presentes na plateia que se dividia na torcida entre os MC’s participantes. Suas expressões sinalizava um comportamento excessivo de revolta, ao mesmo tempo em que insultava as performatividades de masculinidades que estavam sendo elaboradas naquele ambiente.

Na contemporaneidade, situações como essas reiteram processos de violência e discriminação social. Faz-se necessário salientar que por mais que a mesma enfrentasse desafios cotidianos similares aos interlocutores desta pesquisa em termos de habitação, uma comparação que desconsiderasse os distanciamentos sociais entre ambos os envolvidos seria no mínimo negligente, senão reprodutora e legitimadora das desigualdades que nos propomos analisar criticamente, uma vez que a mulher militante do movimento negro tinha acesso ao ensino superior em uma universidade pública,

instituição que representa um filtro de seletividade e distinção social em nossa sociedade. Exemplo que também evidencia como os estudos acadêmicos podem facilmente reproduzir processos de violências, potencializando simbolicamente as injustiças sociais, quando apresentam análises reducionistas que ignoram a complexidade dos fatores que interferem nos fenômenos da vida social. Exigir um mesmo nível de criticidade e empoderamento político e social de sujeitos que não possuem os mesmos acessos aos capitais simbólicos e culturais, seria no mínimo, incoerente.

Essas experiências apreendidas em campo sinalizam como a violência e processos de exclusões sociais estão sendo reiterados na contemporaneidade, inclusive por nós intelectuais acadêmicos quando não problematizamos o lugar de fala que ocupamos na estrutura social, inevitavelmente presente em nossas análises, como também pelos próprios ativismos políticos e movimentos sociais formados por intelectuais acadêmicos que pecam quando lançam críticas severas aos sujeitos e grupos sem problematizar os contextos e situações sociais em que as vítimas de violência encontram-se inseridas, principalmente quando os respectivos sujeitos estão imersos em realidades fortemente marcadas por desigualdades sociais.

A superação da violência, antes de tudo, exige o reconhecimento e problematização do lugar que ocupamos na estrutura da sociedade, uma vez que as realidades sociais encontram-se interseccionadas pelos marcadores das diferenças que definem e complexificam as interações na contemporaneidade. Esse exercício permite que tenhamos compreensão mais clara das estratificações sociais, das relações de poder e dominação que situam os sujeitos na estrutura de uma sociedade altamente segregada pelas diferenças de classe, gênero, etnia-raça.

Em um cenário permeado por conflitos intensificados com a entrada desses novos atores nos espaços públicos das cidades, o fenômeno das batalhas de rimas despertou-me inúmeras inquietações, dentre as quais, podemos destacar a cristalização das representações contidas naquilo que se anunciava como “alternativo”, dispositivo utilizado por aqueles que se afirmavam enquanto representantes da “cultura do Cariri”, em oposição aos “periféricos”, dispositivo de saber e poder utilizado como instrumento de afirmação e de manipulação simbólica, apropriado por aqueles que se colocavam enquanto “representantes da cultura negra” ou das “periferias e/ou gueto” do Cariri. O

contanto com esses sujeitos imersos em uma realidade social completamente distinta da minha, de início, causou-me uma sensação de estranhamento e desordem, mas, por outro lado, possibilitou a identificação dos dispositivos de saber e poder internalizados por aqueles que estavam inseridos na rede de sociabilidade “alternativa”, aspectos instigantes para aqueles que buscam compreender as dinâmicas de sociabilidade na contemporaneidade.

É importante salientar que as diferenças entre pesquisador/pesquisados, ficaram visíveis nessa relação de separação e aproximação entre universos socioculturais completamente distintos, assim como, proporcionou a identificação de estímulos, sensações, cheiros, valores que configuram as práticas de lazer e sociabilidades construídas por diferentes agrupamentos e em torno das mais variadas estéticas políticas e ideológicas que já existiam nesse campo. Um dos maiores desafios dessa pesquisa foi à desconstrução de uma familiaridade, em certa medida nativa, que eu havia construído como uma “alternativa” desde o ano de 2010, quando migrei da minha cidade de origem para cursar a graduação em Crato. Esse estranhamento, provocado pelo contato com os interlocutores da minha pesquisa, desempenhou um papel imprescindível ao processo de desconstrução de uma realidade, antes enxergada a partir de parâmetros valorativos, abrindo minha mente e coração para compreensão de uma realidade muito mais complexa, a qual exigia do meu ofício de pesquisadora, um comprometimento com a produção do conhecimento científico.

Essa relação eu-outro, estabelecida com recorrência entre pesquisador e pesquisados, constitui uma relevância para a pesquisa, imprescindível à prática etnográfica. A esses obstáculos, Roberto Da Matta (1978) oferece importantes contribuições à Antropologia ao elaborar o conceito de “choque cultural”, utilizado para compreender esse estranhamento gerado a partir do encontro de dois mundos diferentes, indispensáveis aos antropólogos que no exercício do seu ofício encontra-se constantemente desafiado a entranhar o familiar para familiarizar-se com o exótico. Isso explica um pouco as inquietações que desde o princípio me instigaram a desenvolver uma pesquisa etnográfica em um campo se que mostra desafiador até os presentes dias, materializados na realização da prática etnográfica, mas que permanece igualmente motivador.

A Batalha da Estação, por exemplo, costumava acontecer na RFFSA¹⁰, ambiente estigmatizado no imaginário social da região, sobretudo reforçados pela atuação dos órgãos públicos administrativos e privados da cidade. Se por um lado a Secretaria de Cultura atua em parceria com setores públicos e privados investindo na implantação de políticas públicas, promovendo shows, espetáculos teatrais, feiras de artesanato, entre outras atividades lúdicas direcionadas ao público de consumidores “alternativos” que frequentam a referida localidade, por outro, as batalhas de rimas organizadas por sujeitos “periféricos” são excluídas das respectivas políticas de inclusão. Para, além disto, existem outros setores da Segurança Pública municipal e estadual (vigias municipais e polícia militar) que impõem a repressão e expulsão de determinados indivíduos ou grupos que circulam nesse espaço.

Esses tipos de intervenções visam à higienização dos espaços públicos, fenômeno que reforça ainda mais o preconceito e exclusão social ao violentar alguns estratos da sociedade em detrimento do privilégio de outros, reproduzindo estigmas sociais difundidos no imaginário social da região. Em uma conversa informal com um estudante universitário que habitava em um condomínio ao lado da RFFSA, evoquei a sua percepção sobre a referida localidade, quando o mesmo revidou com a seguinte afirmação: “ali só anda drogados, traficantes e delinquentes que vivem levando ‘baculejo’ da polícia”. Em seguida, ele deslocou-se até a janela do seu apartamento, apontou para a praça e prosseguiu: “todos os dias, quer tenham festa ou não, a polícia leva um, dois ou três. É um verdadeiro risca faca!”¹¹. Conforme as observações que apreendi em campo, os jovens abordados na mencionada localidade geralmente

¹⁰ Estação ferroviária construída em 1962, situada no centro urbano da cidade de Crato, cuja estrutura arquitetônica preserva traços históricos do século passado, sendo por isso considerada patrimônio histórico material da região. Ela assumiu características de uma Praça pública após ter passado por um processo de revitalização, tornando-se, em seguida, um cenário apropriado por diferentes juventudes que passaram a elaborar práticas de lazer e sociabilidades a partir de diferentes ideologias de resistências.

Consequentemente, vários setores públicos e privados de fomento à cultura começaram a organizar formas de intervenções sociais, por meio da organização ou financiamento de shows musicais, exposições artísticas visuais, teatrais, midiáticas e artesanais. Se por um lado esse patrimônio arquitetônico representa a preservação histórica da referida localidade, por outro, tornou-se território de disputa entre diferentes grupos que elaboram as mais variadas estéticas culturais, como, por exemplo, os coletivos de militância política, movimentos sociais, regueiros, roqueiros, artistas plásticos, artesões, ativistas, poetas entre outros agrupamentos estudantis, mobilizados em torno de diferentes ideologias materializadas na inscrição de uma pluralidade de formas de interações, lazer, sociabilidades. As respectivas organizações disputam a territorialização dos espaços, assim como delimitam fronteiras simbólicas por meio de um processo relacional que ganha corpo social através da afirmação das identificações e diferenças, no qual o tradicional e moderno se imbricam ao mesmo tempo em que se confundem, e se constroem.

¹¹ Informações abstraídas do caderno de campo, julho de 2016. No forró eletrônico, a expressão “risca faca” é utilizada para fazer referência à baderna, aos locais caracterizados pela violência, confusão e desordem.

correspondem a um perfil previamente definido, isto é, juventudes negras vestidos em trajes que demonstram quando os mesmos são oriundos dos segmentos menos favorecidos da sociedade.

Sobre os efeitos da produção de invisibilidades sociais que tornam vítimas as juventudes negras das classes populares do país, Luiz Eduardo Soares (2004) assinala:

Uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível é projetar sobre ela um estigma, um preconceito. Quando o fazemos, anulamos a pessoa e só vemos o reflexo da nossa própria intolerância. Tudo aquilo que distingue a pessoa, tornando-a um indivíduo; tudo o que nela é singular desaparece. O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos[...]. Lançar sobre uma pessoa um estigma corresponde a acusa-la simplesmente pelo fato de existir [...] o preconceito provoca invisibilidade na medida em que projeta sobre a pessoa um estigma que a anula, a esmaga e substitui por uma imagem caricata, que nada tem a ver com ela (Idem, 2004: 3).

A eficácia do estigma se materializa sob a forma de violência imposta não somente através da invisibilidade, mas, sobretudo por meio da visibilidade de uma discriminação projetada sobre o outro. No caso da RFFSA, os sujeitos que sofrem abordagens pelos policiais e guardas municipais correspondem a um perfil determinado pelos parâmetros de uma sociedade racista e genocida das juventudes negras oriundas das classes populares, socialmente mais susceptíveis a sofrer algum tipo de discriminação. Isso demonstra que os estigmas e outras formas expressivas de violências não acontecem de uma forma aleatória que atinge todas as classes da sociedade, uma vez que as vítimas se enquadram em características de seletividade social.

Um dos efeitos do estigma objetiva gerar invisibilidade, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, torna invisíveis os sujeitos que estão altamente visíveis em sociedade, mas que no então são indesejados por uma parcela da sociedade – isto é, os negros e pobres socialmente tratados como impuros¹² não merecedores do

¹² O impuro só existe em função da pureza, e por isso deve ser analisado sobre o prisma da ordem. Ele é visto como algo sujo, como alguém que representa uma ameaça a uma ordem social vigente, por isto, deve ser conduzido à margem da sociedade. É importante frisar que cada sociedade possui suas próprias noções de impureza que opõe às noções de estrutura positiva, aquela que se tenta legitimar. Nessa perspectiva, a impureza tanto é destrutiva quanto criadora de estruturas de ordenamento da vida social.

reconhecimento de suas existências e dignidades, vítimas de um sistema de opressão e dominação que lucra com as desigualdades produzidas por ele. Esse ordenamento social vigente opera através da intensificação da violência e desigualdades sociais, reiterando e reforçando ainda mais o racismo estrutural e institucionalizado, a intolerância contra os diferentes, numa perspectiva de exclusão social produtora de violências simbólicas, físicas e psicológicas que afeta principalmente as juventudes negras, ao invés de criar medidas eficazes no combate à violência.

Por outro lado, não podemos compreender os sujeitos como meros receptores dessas formas de opressão e dominação. Os rappers reagem a essas exclusões, mas dentro das possibilidades que lhes são possíveis, quando se apropriam dos estigmas que lhes são impostos socialmente e investem na inversão dos significados que neles são materializados. Essa é uma das maneiras de resistências utilizadas pelos mesmos no enfrentamento das violências que sofrem as juventudes negras das periferias, utilizando-se dos estereótipos como instrumento de afirmação de suas existências e na busca pelo reconhecimento de suas dignidades e humanidades, ou melhor, para afirmar-se enquanto sujeito no mundo, e se fazer presente nele.

Isso ficou evidente quando, durante as incursões em campo, identifiquei regularidades constatadas nas performances adotadas pelos MC's, no improviso de suas rimas, as seguintes afirmações: “nós é malandro mermo”, “essa é a cultura marginal”, “cultura da periferia”, “cultura da quebrada”, “esse é o rap verdadeiro”, “locomotiva dos guerreiros”, “nós pelos nossos”, “realidade do gueto”, “guerreiro da fé”, “sou gueto/favela”, “respeita que nem todo negro é ladrão, e nem todo rap é bandido”, entre outros dispositivos de poder e saber, estrategicamente agenciados pelos mesmos para difundir suas diferenças nas práticas de lazer e sociabilidades elaboradas nos espaços públicos da cidade.

Os indícios expostos neste trabalho, como texto ou narrativa da cultura, resultou de informações apreendidas durante incursões realizadas nas batalhas de rimas que ocorreram nas praças da RFFSA e Cristo Reis, ambas situadas no centro urbano da cidade de Crato. Foram realizadas conversas informais com rappers (produtores, cantores e consumidores), assim como com sujeitos que se identificam como

Esse conceito é importante para refletirmos sobre processos de higienização, invisibilidades e exclusões que visam tornar invisível àquilo que está altamente visível, ou seja, para conduzir o indesejável à margem a fim de proteger uma estrutura social vigente (DOUGLAS, 1966).

“alternativos”, durante algumas das edições dos eventos denominados Batalha da Estação e Batalha do Cristo. Eles sinalizam que os rappers quando comparados aos outros agrupamentos e estéticas marginalizadas no imaginário social da região, caracterizam-se como grupos mais estratificados da sociedade, isto é, mais susceptíveis as violências não somente pela inscrição de uma estética também marginalizada no imaginário social, o rap, ou simplesmente em decorrência a própria localização que os mesmos ocupam no campo dessa pesquisa, mas, sobretudo, em consequência as características, interseccionadas pelas diferenças sociais de gênero, classe, raça/etnia, que carregam em seus próprios corpos e performances.

Em uma conversa com uma professora, esposa de um dos artesões locais, a mesma revelou que não compreendia porque os rappers se recusavam unir-se a programação da Feirinha Cariri Criativo, evento direcionado a exposição de artefatos produzidos por “empreendedores criativos” da região, majoritariamente frequentada por público de consumidores assíduos que se identificam como “alternativos”. Esse evento, sempre repleto de atrações lúdicas através das quais os respectivos alternativos se apropriam da cidade, são financiadas por órgãos públicos e de iniciativa privada da sociedade civil organizada. Enquanto que, por outro lado, não existe a disponibilização do mesmo suporte, em termos de estrutura dos equipamentos sonoros, para os rappers.

Em outra ocasião, um MC irmão do idealizador e organizador da Batalha do Cristo, relatou-me as dificuldades enfrentadas por seu irmão desde as primeiras edições do evento mencionado, demonstrando orgulho pelo crescimento progressivo do evento, fenômeno que segundo ele, ganhou o apreço dos seus pares. Em suas palavras, a Batalha do Cristo “foi crescendo aos poucos e ganhando visibilidade e reconhecimento dos manos”. Para, além disto, ele fez a seguinte afirmação “estamos muito felizes porque geral colou ontem [alegação que faz referência a uma edição do fenômeno que havia ocorrido no dia anterior a essa conversa], mesmo concorrendo com a feirinha que estava acontecendo ali [apontou para a RFFSA], os manos permaneceram aqui até o final, fiel a nossa luta”.

As interpretações dessas diferentes experiências em campo comprovam que as batalhas de rimas instituem práticas de lazer e sociabilidades elementares aos grupos periféricos da sociedade local, assim como potencializam o deslocamento de sujeitos e grupos das diferentes localidades de Crato e Juazeiro do Norte, portadores de diferenças

subjetivas que os distinguem em determinados aspectos, mas que os aproximam em outras características comuns a todos. Essas batalhas geram efeitos de identificações¹³ imprescindíveis à composição dos atributos valorativos compartilhados coletivamente e agenciados pelos sujeitos no processo de afirmação de suas similaridades e diferenças, quer seja entre seus pares ou perante seus diferentes.

Esse ato de reconhecimento e afirmação frente ao outro, demanda uma função social similar aos efeitos produzidos pelo reflexo do espelho, exemplo alegórico dessa relação eu-outro, na medida em que permite aos sujeitos identificarem e afirmarem as suas diferenças percebidas na presença do outro com os quais não se reconhecem ou se identificam. Essa relação de interação se apresenta de forma ambígua, quando o outro é em certa medida indesejável, visto como um outsider, ao mesmo tempo em que necessário para o reconhecimento das qualidades de suas diferenças que, uma vez afirmadas, asseguram a visibilidade e legitimidade de suas existências. Ela possibilita a comunicação, neste caso, manifestada nas performances multissensoriais e musicalidades do rap, linguisticamente e corporalmente materializado nas rimas dos MC's como uma expressão de sobrevivência e resistência.

No tocante a esse aspecto, Edward Said (1990: 33) desmistificou a eficácia da dominação do processo de colonização europeia, a qual esteve por muito tempo assegurado na escrita de um continente sobre o outro, no qual o Ocidente aparece como sinônimo de uma “civilização” instituída a partir de uma imposição de representações ocidentais etnocêntricas que referenciavam os costumes, símbolos, gostos, crenças e estilo de vida dos outros povos e culturas como “selvagens” e que, por sua vez, carecia da “domestificação” daqueles que se colocavam como portadores de uma superioridade ao outro. O Ocidente, portanto, dependia desse último para afirmar suas diferenças e relações de poder frente ao Oriente, ao mesmo tempo em que lucravam com a exploração, dominação e servidão violentamente imposta ao outro.

Partindo dessa perspectiva, tornam-se compreensível as razões que levam os rappers a recusar uma possível união aos demais grupos de tradição e ativistas locais, especialmente em atos políticos levantam a bandeira das juventudes negras e periféricas

¹³ Stuart Hall assinala que, assim como todas as práticas de significação, a “identificação” está sujeita ao “jogo” da diferença e opera por meio dela. “Ela obedece à lógica do mais-que-um. [...] ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteiras’. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui” (HALL, 2011, p. 106).

vitimas de genocídios e encarceramento em massa no país. Eles recusam esse comportamento quando afirmam que “rap não é feito para branquelo de classe média”, uma vez que “representa uma ideologia de resistência” a uma realidade desconhecida por aqueles que não a enfrentam cotidianamente, nem tampouco sente as consequências dessa violência na pele. Esse distanciamento sinaliza uma dificuldade dos movimentos e ativismos contemporâneos, ainda deficientes quanto ao reconhecimento e conscientização do lugar de fala que seus membros ocupam na estrutura da sociedade. Os rappers sentem-se ofendidos quando veem ativistas como portadores de uma fala que, na concepção deles, não possui uma representatividade legitimada nem tampouco autorizada. Essa dificuldade de diálogo revela o aspecto da intolerância entre ambas às partes, tendo em vista que as invisibilidades afetam, em diferentes medidas, todos os grupos minoritários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se desdobrou numa análise das culturas tidas como subalternas, na expectativa de compreender a imersão da estética cultura rap nos circuitos alternativos do Cariri, tomando como referência os usos e apropriações que grupos fazem das praças da RFFSA e Cristo Reis. Os elementos apresentados demonstraram várias tensões que permeiam e reconfiguram este espaço da cidade como produção de coletividades e subjetividades, a partir do qual os rappers expressam suas reivindicações por meio da elaboração de uma estética cultural utilizada como instrumento de afirmação e produção de visibilidades, por meio das quais eu procurei compreender as formas criativas a partir das quais os rappers elaboram resistências aos estigmas e formas de invisibilidades que excluem e marginalizam determinados grupos e estratos da sociedade.

A parte inicial deste trabalho consistiu num esforço de contextualizar a realidade social que caracteriza o campo no qual os interlocutores desta pesquisa estão inseridos, até mesmo para compreender de forma mais complexa e dinâmica as suas reivindicações enquanto sujeitos sociais. Aprofundei algumas reflexões sobre as formas de violência que resultam da produção de estigmas que permeia o imaginário social da região do Cariri cearense, através do qual pude demonstrar como a RFFSA está geograficamente situada no centro urbano da cidade, porém, colocada a margem pelas representações dominantes que exclui socialmente os indivíduos e grupos que a frequentam.

Apresentei algumas contradições que derivam dos marcadores sociais das diferenças: raça/etnia, centro/periferia, masculinidade/feminilidade no intuito de explicar de forma contundente a forma como os conflitos e diferenças subjetivas são agenciadas coletivamente, entre outros elementos simbólicos no que se refere a crenças ideológicas que fundamentam formas específicas de sociabilidades, muitas vezes inscritas e significadas através de relações de forças antagônicas e contraditórias que configuram as interações entre os membros que participam do fenômeno das batalhas de rimas, denominadas Batalha da Estação e Batalha do Cristo. Assim como explicitarei identificações produzidas por esses sujeitos na composição de subjetividades e coletividades que tem como principal referência os desafios cotidianos enfrentados por eles.

A multiplicidade de diferenças sociais presentes no interior dos grupos, as quais tencionam relações entre subjetividades, tornam o trabalho antropológico ainda mais rico e desafiador para o pesquisador que se empenha em compreender realidades tão complexas que formam as sociedades contemporâneas. É por meio delas que podemos perceber as fronteiras simbólicas que separam os grupos e indivíduos em diferentes estratos da sociedade, mas que, por outro lado, nos permite compreender formas específicas de interações que interligam os sujeitos por meio de vínculos sociais afetivos. Sendo assim, as diferenças que distanciam são as mesmas que aproximam sujeitos que produzem coletividades e subjetividades como estratégias de organizar ethos de vida, para se situar no mundo e se fazer presente nele.

Portanto, o rap é uma produção estética cultural que atua como catalizador das diferenças que situam os sujeitos no mundo. Por mais contraditórios que sejam as práticas de interações e sociabilidades associadas a uma estética cultural rap, não podemos ignorar a forma como ela é utilizada pelos grupos e indivíduos para produzir resistências e sobreviver às condições precárias de vida e sobrevivência. No enfrentamento e busca pela superação das diferentes formas de violência, sejam estas resultantes de estigmas sociais, estereótipos racistas que visam produzir invisibilidade social que afeta principalmente os negros advindos de bairros periféricos. Elenquei alguns fatores históricos e sociais locais, nacional e a nível global para sinalizar de que maneira protagonismos juvenis estão atrelados aos problemas mais profundos e estruturais que afetam a nossa sociedade.

A diversidade de representações abordadas e analisadas nesse texto como narrativas da cultura, mencionadas como “alternativos” ou como “pefiréficos”, evidenciam um processo de violência simbólica que se materializa na invisibilidade social imposta a uma gama de diversidade cultural que existe na região do Cariri cearense, na maior parte das vezes silenciadas pelos setores administrativos da sociedade local em parceria com instituições privadas e com apoio de esferas não governamentais designadas pela sociedade civil organizada, como, por exemplo, Ong’s entre outros órgãos do terceiro setor.

Instituições que persistem seguir na contramão ao valorizar somente as representações que reforçam uma ficção imagética sobre o Nordeste, na medida em que investem na difusão de uma narrativa privilegiada, engendrada como representação de uma tradição resgatada com a valorização exclusiva das práticas de reisado, o misticismo religioso atrelado à figura do Padre Cícero atrativo de milhares de romeiros e turistas que visitam anualmente esta região, a produção do artesanato em couro empregado para resgatar a figura do vaqueiro e macheza nordestina representada por Lampião, símbolo do Cangaço, a literatura em cordel de Patativa do Assaré entre outros signos clássicos que instituem um saber como uma narrativa da cultura da mencionada localidade e sobre seus habitantes.

A meu ver, esse Cariri resulta de lutas conflitantes entre diferentes narrativas da cultura se chocam numa batalha acirrada de nordestinidades provenientes das mais variadas representações coletivas e subjetivas por meio das quais os sujeitos e grupos disputam entre si e com os outros para ver suas necessidades sociais serem correspondidas. No caso das batalhas de rimas, essas nordestinidades originam-se de processos de interações comunicativas, na composição de uma linguagem própria, elaboradas por sujeitos e grupos através de performatividades multissensoriais, através das quais eles inscrevem uma estética com especificidades peculiares ao Cariri cearense.

Elas estão presentes nos estilos de vidas adotados pelos roqueiros¹⁴, dos hippies, dos adeptos ao forró eletrônico¹⁵, igualmente com o rap como expressão de subjetividades e coletividades significadas e compartilhadas em grupo. Estas nordestinidades são materializadas nas indumentárias, nos costumes, nos gostos e

¹⁴ Ver sobre esse ponto o trabalho de dissertação de Itamerson Marcel (2018).

¹⁵ Consultar uma coletânea de artigos publicados em um livro de Roberto Marques (2014)

gestos, entre outros aspectos performados por sujeitos que, nos exemplos mencionados, ocupam um lugar de marginalidade no imaginário social da região. Esse trabalho privilegiou a análise de narrativas e performances dos MC's que se identificam como "periféricos", materializadas nas disputas de rimas, por compreender que esse Cariri também pertence às juventudes negras e oriundas das periferias locais. Isto é, aqueles que estão cotidianamente mais expostos à exclusão, evidente nos índices de extermínio e encarceramento em massa dos sujeitos que se enquadram em um perfil de marginalização social pré-estabelecida a partir de parâmetros de classe, gênero, raça/etnia. Uma sociedade que não se contenta com a exclusão que produz, ofusca ou silencia práticas de lazer e sociabilidades de sujeitos periféricos em detrimento da imposição de uma visibilidade estigmatizada.

BIBLIOGRAFIA

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues". In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Jahar, 1978. P. 23-35.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. "Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu". Lisboa, Edições 70 (col. *Perspectivas do Homem*, n.º 39), s.d. (trad. por Sônia Pereira da Silva, 1966)

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 10 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana* [online]. 1997, vol.3, n.1, pp.7-39. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010493131997000100001&script=sci_abstract&tlng=pt. Acessado em: 20/02/2018.

KOROM, Frank J. *The Anthropology of Performance: An Introduction*. In: **The Anthropology of Performance: a reader**. Wiley-Blackwel: 2013. P. 1-8.

MARQUES, Roberto. **Objetos não-identificados: deslocamentos e margens na produção musical no Brasil**. RDS Editora: Crato, 2014.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SILVA, Itamerson Macell de Oliveira Costa da. **GUITARRAS SOB O SOL NORDESTINO: Estilos de vida de jovens roqueiros cearenses**. (Dissertação de

Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – PPGCS/UFCG, Campina Grande, 2018.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e Violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.) **Juventude e Sociedade**. Trabalho, Educação, Cultura e Participação. Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2004.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Traduzido por Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Editora Universidade de Brasília: 1991.v.1.